
Editorial

SEIS anos de vida da presente série dos *CADERNOS* autoriza já uma reflexão sobre o caminho percorrido no momento em que nos debruçamos sobre as colaborações recebidas. Seria hipocrisia se escondessemos como ficamos satisfeitos por irmos conseguindo, número a número, acomodar a exposição, a descrição ou o debate de temas até agora pouco abordados publicamente entre os profissionais BAD portugueses. De facto, mais do que acomodar, trata-se de criar o espaço e de fomentar a atitude propícios a que mais colaborações nos possam chegar para publicação, sejam elas oferecidas ou por convite. No limiar de repetir a situação, os textos deste número aí estão a testemunhar que os profissionais BAD, muito concretamente os Colegas portugueses, recusam a mediania e, pelo contrário, merecem mais e melhor das instituições às quais dão o seu esforço e inteligência, da Universidade que os forma e da própria Associação que os representa. No fundo, os *CADERNOS* revelam um combate pela qualidade e pelo profissionalismo; cada número dos *CADERNOS* representa outro passo em frente numa guerra difícil. Toda a equipa que garante os *CADERNOS* tem consciência da situação, fica contente com a pequena vitória que cada número significa, e não esconde essa satisfação. Fingir indiferença ou enfado não faz, definitivamente, o nosso género.

Neste mesmo espaço, por várias vezes, se apelou à colaboração. Renovamos a chamada mas não se entenda que os *CADERNOS*, no conjunto do seu Director e do Conselho de Redacção, não dispõem de orientação ou de critérios. Colaborações que nos cheguem são submetidas a um processo de avaliação científica e de oportunidade editorial e o calendário dos *CADERNOS* é projectado com mais de um ano de antecedência. É por isso que os *CADERNOS* têm conseguido manter o ritmo de publicação. A carteira cons-

trói-se; não acontece. Conceber uma revista é, entre outras coisas, procurar seguir e aprofundar uma linha de orientação a qual não se coaduna com o acaso.

No número em mãos, um grupo de arquivistas debruça-se sobre a complexa tarefa de indexar manuscritos e livro antigo, enquanto a problemática dos invisuais é abordada em dois artigos distintos; os arquivos e a sua bibliografia de referência toma o lugar que merece, enquanto do Brasil nos chega, outra vez, o equacionar de questões metodológicas; mas são as normas de arquivo que constituirão a surpresa, uma agradável surpresa, já que foram os *CADERNOS* eleitos para veicular, em primeira mão, tão importante documento para o sector ainda por cima com o sabor de versão autorizada em língua portuguesa; duas recensões — uma nem tanto! — fecham este número continuando por resolver a publicação dos Índices. Termina, por isso, com algum desapontamento. Na busca — constante — de soluções, aproveito para vos desejar Boas Férias.

*

* *

No fecho destes *CADERNOS* soubemos, com tristeza, do falecimento da Colega Arquivista Maria de Fátima Faria. O seu dinamismo e profissionalismo fizeram dela uma Colega respeitada e estimada entre todos. Lamentamos, profundamente, o sucedido.